

A APRENDIZAGEM AFETIVA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL À LUZ DA TEORIA SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY

Luísa Lauande Farias ¹
Flávia Maia Fernandes ²
Giuliana Castro Lucas³
Rosimê da Conceição Meguins ⁴

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento cognitivo infantil se relaciona com múltiplos fatores e, entre eles, destaca-se a afetividade. Na perspectiva da teoria Socio-histórico-cultural de Lev Vygotsky, o meio cultural e as relações estabelecem uma relação de suma importância no desenvolvimento humano (Ferreira, 2022) e no processo de formação das funções psicológicas superiores, que são desenvolvidas através da relação recíproca entre homem e ambiente, construídas a partir da mediação simbólica (Oliveira, 1999 apud Ferreira, 2022). Assim, o aprendizado não ocorre de forma isolada, mas é construído a partir de relações e mediações.

Vygotsky (1993 apud Ferreira, 2022) destaca que só se pode compreender o pensamento humano quando compreende-se sua base afetiva, não sendo possível separar o pensamento do afeto. Nesse contexto, a afetividade é um elemento essencial no processo de aprendizagem e potencializa o desenvolvimento cognitivo. Cabe, portanto, ao professor estimular os alunos de forma afetiva para que os conteúdos sejam internalizados de maneira significativa, medindo o aprendizado através da relação (Kochhann; Rocha 2015 apud Ferreira, 2022).

O brincar assume um papel central nesse processo. Rolim, Guerra e Tassigny (2008) citam que, para Vygotsky (1998), as crianças expressam suas necessidades no brincar. Dessa forma, é importante que o lúdico seja observado pelos educadores para entender as necessidades individuais de cada criança, além de possibilitar entender seu nível de desenvolvimento. O brinquedo, nesse cenário, cria uma zona de desenvolvimento proximal, em que, com a mediação de um sujeito mais experiente, a criança poderá realizar atividades que ainda não consegue sozinha. (Oliveira 1995 apud Rolim; Guerra; Tassigny, 2008) Dessa forma, o brincar com a mediação do educador pode proporcionar o desenvolvimento cognitivo e, portanto, é imprescindível sua utilização no meio pedagógico (Rolim; Guerra; Tassigny, 2008).

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, fariasluisa0709@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia - UNAMA, maiaflavia461@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia - UNAMA, giuliana.lucas28@gmail.com;

⁴ Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, rosimeguins@uol.com.br

Diante do exposto, Vygotsky auxilia na reflexão sobre o modelo tradicional de aprendizagem, evidenciando a afetividade como ferramenta pedagógica. A qualidade das interações aluno-professor é fundamental para o processo de aprendizagem, pois cria importantes Zonas de Desenvolvimento Proximal. Com base nisso, este estudo teve como objetivo investigar a relação entre afetividade e desenvolvimento cognitivo infantil à luz da teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, usando como referencial as teorias de Lev Vygotsky. Portanto, os resultados mostram o quanto a afetividade é fundamental no processo da aprendizagem infantil, influenciando no desenvolvimento cognitivo. Por fim, promover essa junção entre a cognição e o afeto potencializa o aprendizado promovendo também um desenvolvimento mais integral da criança.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma revisão bibliográfica desenvolvida em três etapas: levantamento e seleção das fontes, análise e categorização dos dados e síntese e discussão dos resultados. Na primeira etapa, foram levantadas 10 produções como artigos, dissertações e teses disponíveis nas seguintes bases bibliográficas: CAPES, Google Acadêmico e Scielo, SciELO e *Google Scholar*, utilizando descritores como Vygotsky, Desenvolvimento Infantil, Aprendizagem Afetiva, Brincar e Desenvolvimento Cognitivo. Foram selecionadas produções publicadas entre 1995-2022, em português e de livre acesso para *download*. O intervalo de 1995 a 2022 foi definido considerando dois critérios principais. O ano inicial, 1995, foi estabelecido com a finalidade de abranger os estudos de Vygotsky sobre desenvolvimento infantil. Já o ano final, 2022, foi adotado porque, após buscas realizadas nas bases consultadas (CAPES, Google Acadêmico e Scielo), não foram identificadas publicações relevantes posteriores que atendessem aos critérios de seleção estabelecidos para esta pesquisa. Dessa forma, o recorte assegura tanto a amplitude histórica necessária quanto a atualidade dos estudos analisados.

Na segunda etapa, os textos coletados foram analisados de forma qualitativa, identificando os principais conceitos sobre o tema. A partir disso, foram organizados em categorias, tais como: Afetividade como base da aprendizagem, Brincar como mediador do desenvolvimento, Papel do professor como mediador/facilitador e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Por fim, os resultados encontrados foram sintetizados e discutidos à luz das teorias de Vygotsky, a fim de compreender as inter-relações entre a aprendizagem afetiva e o desenvolvimento cognitivo infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria Sócio-histórico-cultural de Vygotsky destaca que o desenvolvimento humano é um processo baseado nas interações sociais com o meio, visto que o ambiente social se configura como um ambiente propício devido à diversidade de interações, sendo

indispensável para a construção de conhecimento. Dessa forma, para ele o aprimoramento das funções psicológicas superiores não surgem de forma espontânea e sim através da linguagem e mediação social. (Vygotsky, 1998).

Nesse sentido, torna-se crucial considerar a afetividade, pois seus estudos mostram a vida emocional conectada aos processos psicológicos. Logo, não seria possível entender o desenvolvimento cognitivo sem levar em consideração a base afetiva, uma vez que a afetividade influencia na forma como a criança se relaciona com o mundo e internaliza os conhecimentos que ela percebe ao seu redor. A escola nesse processo se mostra uma instituição ativa que contribui na formação desses alunos, por meio dela junto com a família irão desempenhar um papel importante na formação do indivíduo, impactando na construção da personalidade e também dos aspectos cognitivos. (Ferreira, 2022). Por isso, a relação aluno-professor precisa ser construída através da formação de um vínculo afetivo, para que ele se torne apenas um mediador desse processo educativo.

Ademais, Vygotsky (1998) propõe o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que representa a distância do que a criança consegue fazer sozinha e o que ela pode fazer com a ajuda de um adulto mediador. Esse conceito demonstra a importância da mediação e do vínculo afetivo, pois é por meio dessa relação de confiança e segurança com o mediador que a criança conseguirá experimentar e aprender. Dessa forma, compreende-se a interação social como ponto de partida para o desenvolvimento cognitivo infantil. Além disso, a teoria de Vygotsky auxilia na reflexão acerca do papel da escola e dos professores na mediação das experiências da criança, integrando a afetividade no processo educativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a afetividade constitui uma dimensão essencial do processo de aprendizagem e não pode ser dissociada do desenvolvimento cognitivo. Para Vygotsky (1998; 2003), a base do pensamento humano está enraizada no afeto, e é por meio dessa integração que se formam as funções psicológicas superiores. A afetividade, nesse sentido, influencia diretamente a motivação, a atenção e a memória, favorecendo a aprendizagem significativa. Estudos como os de Ferreira (2022) e Coutinho et al. (2021) demonstram que vínculos afetivos estabelecidos entre professor e aluno promovem um ambiente escolar mais acolhedor, capaz de reduzir bloqueios

emocionais e cognitivos. Assim, quando a escola considera o aspecto afetivo como parte constitutiva do processo educativo, contribui para que os conteúdos sejam internalizados de forma mais consistente e duradoura.

Outro aspecto central identificado é o papel do brincar como mediador do desenvolvimento. O jogo simbólico, em especial, é apontado por Vygotsky (1998) como a atividade principal da infância, por meio da qual a criança é capaz de experimentar papéis sociais, elaborar significados e desenvolver habilidades de autorregulação. Rolim (2008) destaca que, ao brincar, a criança aprende a lidar com regras, planejar suas ações e exercitar funções cognitivas complexas, estabelecendo um espaço de transição entre o real e o imaginário. Negrine (1995) complementa afirmando que o brincar proporciona a emergência de processos de amadurecimento que serão fundamentais em fases posteriores do desenvolvimento. Dessa forma, o lúdico se revela não apenas como um recurso de socialização, mas como uma ferramenta pedagógica indispensável ao processo de aprendizagem.

A análise também mostra que o professor ocupa um papel ativo de mediador e facilitador no processo de aprendizagem. Segundo Vygotsky (2003), a mediação do adulto é imprescindível para que a criança ultrapasse os limites de suas capacidades atuais, alcançando novos patamares de desenvolvimento. Nesse processo, a afetividade se manifesta como condição básica: cabe ao educador criar um ambiente de confiança, respeito e acolhimento que estimule o engajamento e a motivação dos estudantes (Sousa; Oliveira; Brandão, 2019). A prática pedagógica que valoriza a sensibilidade, o diálogo e a cooperação amplia as possibilidades de aprendizagem, tornando o professor não apenas transmissor de conhecimento, mas um facilitador que impulsiona o desenvolvimento integral do aluno.

Por fim, a categoria referente à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) reforça a importância da mediação social e afetiva para o avanço cognitivo infantil. A ZDP, conforme Vygotsky (1998), corresponde ao espaço entre o que a criança já consegue realizar sozinha e o que é capaz de realizar com a ajuda de alguém mais experiente. Nesse sentido, o brincar aliado à afetividade constitui um contexto privilegiado para a criação de ZDPs, permitindo que a criança, com o suporte do professor, internalize conhecimentos que futuramente serão executados de maneira autônoma (Nogueira, 2001; Rolim, 2008). Essa perspectiva revela que a aprendizagem não é apenas um processo de transmissão de informações, mas uma construção coletiva, marcada por interações mediadas pela linguagem, pela cultura e pelas relações afetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, é notório observar a relevância da articulação entre a afetividade e a cognição no desenvolvimento infantil a fim de estabelecer um ambiente mais estimulante que favorece a aprendizagem do aluno de forma mais significativa. Considerando a teoria de Sócio-Histórica-Cultural de Vygotsky onde ele destaca a importância do meio cultural e interações sociais na aprendizagem, no processo educativo o brincar torna-se uma ferramenta pedagógica que auxilia nesse processo, sendo essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional, pois permite que a criança explore sua imaginação fazendo com que ela exercite mais os pensamentos e consiga desenvolver uma relação com outros indivíduos ganhando assim novas experiências de aprendizagem.

Ademais, o professor precisaria estabelecer uma relação afetiva com o aluno o que seria capaz de criar ambientes propícios ao aprendizado contribuindo na transmissão de conhecimento, sendo assim os conteúdos facilmente recordados. Dessa forma, considerar essas práticas pedagógicas como um modelo a ser seguido pelas escolas, é indispensável para evoluir e ultrapassar essas perspectivas do modelo tradicional que desconsideram a dimensão afetiva no ensino-aprendizagem e assim potencializar o desenvolvimento integral da criança. Por fim, entender a importância da afetividade no campo educacional amplia as possibilidades de práticas mais eficazes. Logo, destaca-se a necessidade de novas investigações para a ampliar as estratégias que visem fortalecer a compreensão do aspecto afetivo no âmbito escolar.

Palavras-chave: Vygotsky; Aprendizagem; Desenvolvimento infantil

REFERÊNCIAS

DE SOUSA, Antônia Nádila Angelo; DE OLIVEIRA, Tais Alves; BRANDÃO, Israel Rocha. Contribuições da teoria de Vygotsky para a educação e suas implicações na prática afetiva. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6., 2019, Campina Grande. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

FERREIRA, Amanda Machtans. As implicâncias da afetividade em sala de aula: teorias de Wallon e Vygotsky. 2022.

ROLIM, Amanda Alencar Machado. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista de Humanidades**, v. 23, n. 2, p. 176-180, 2008.

DE ARAUJO NEVES, Rita; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. 2006.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998
NEGRINE, Airton da Silva. Concepção do jogo em Vygotsky: uma perspectiva psicopedagógica. **Movimento. Porto Alegre. vol. 2, n. 2 (jun. 1995), p. 6-23**, 1995.

NOGUEIRA, Carlos Fino. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de educação**, v. 14, n. 2, p. 0, 2001.

EMILIANO, Joyce Monteiro. Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. 2015.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Claudia Schilling. Organização, prefácio, comentários e notas de Guillermo Blanck. Apresentação de Rene van der Veer. Introdução de Mario Carretero. Porto Alegre: Artmed, 2003.

COUTINHO, Hélien Cleire Luzardo et al. A relevância da afetividade no processo de aprendizagem. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 55, p. 218-227, 2021.